

AS FESTAS JUNINAS NO RIO DE JANEIRO: ENTRE O FAZER E O MANTER NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Elis Regina Barbosa Angelo¹

Resumo

No contexto das representações culturais, no qual a memória está ligada, percebe-se que a valorização das imagens do passado tem sido atribuída à memória coletiva dos grupos, dentro dos quais os indivíduos se mantêm unidos por lembranças, histórias ou tempos que lhes são particulares ou que, de alguma forma foram relevantes às suas origens. Outros processos dizem respeito a sua preservação enquanto identidades de grupos, enquanto expressão, forma ou atividade. As festas juninas foram ao longo das gerações sendo ressignificadas e se mantendo por diversas razões, e, ao que se apresenta, somam-se elementos representativos da diversidade de formação do povo brasileiro, conformando a multiplicidade e dinâmica cultural brasileira. Criam-se então tradições juninas em escolas, comunidades e instituições enquanto celebrações de todos os formatos e modismos. Aliadas à sua gênese, como forma de agradecimento ao alimento, culminado sobre a ideia de abundância, de sociabilidade, da fortificação dos laços familiares, e mesmo na fé e na religiosidade, os rituais de rezar e de agradecimento a terra e aos antigos deuses, agora em forma de santos vai ganhando esforços e sendo uma das expressões mantidas nos quatro cantos do país. A partir daí esse trabalho busca por meio da observação participante, trazer na baixada fluminense, não apenas o mapeamento das festas juninas, mas o reconhecer dos atos, gestos, vestuários e contextos históricos em que pesem a formação e manutenção dos grupos juninos ao longo das gerações. Com essa referência almeja-se descortinar os processos que se deram ao longo do tempo e da memória junina coletivamente.

Palavras-Chave: Festas juninas, Rio de Janeiro, grupos de quadrilha, saberes.

Abstract

In the context of cultural representations, in which memory is linked, it is clear that the valuation of images from the past has been attributed to the collective memory of groups, within which individuals remain united by memories, histories or times that are particular to them. Or that in some way were relevant to its origins. Other processes concern their preservation as group identities, as expression, form or activity. Over the generations, June festivals have been re-signified and maintained for various reasons, and, to what is presented, there are elements that represent the diversity of formation of the Brazilian people, shaping the Brazilian cultural multiplicity and dynamics. June traditions are then created in schools, communities and institutions as celebrations of all formats and fashions. Allied to its genesis, as a form of thanksgiving for food, culminating in the idea of abundance, sociability, the fortification of family ties, and even in faith and religiosity, the rituals of prayer and thanksgiving to the land and the ancient gods, now in the form of saints it is gaining efforts and is one of the expressions kept in the four corners of the country. From there, this work seeks, through participant observation, to bring to the Baixada Fluminense, not only the mapping of June festivals, but the recognition of acts, gestures, clothing and historical contexts in which the formation and maintenance of June party groups throughout of generations. With this reference, the aim is to unveil the processes that took place over time and collectively in June's memory.

Key Words: June festivals, Rio de Janeiro, June party groups, Knowledge.

¹ Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – e-mail: elis@familiaangelo.com

Introdução

As festas do mês de junho são consideradas verdadeiros ápices de entretenimento do inverno, com comidas típicas, danças e músicas, que adentram no universo do que se chama “festa caipira” ou simplesmente festa junina. Suas origens ainda encontram hipóteses e leituras pouco documentadas, algumas das fontes referem-se a vestígios encontrados em documentos e memórias diversificadas, não consensualmente defendidas em termos de gênese, mas indicadas pelos poucos dados, especialmente na Antiguidade.²

Na Idade Média, a festa foi cristianizada e a Igreja Católica passou a celebrar nomes que participaram das suas referências religiosas, como santos do mês de junho, que passaram a ser não somente padroeiros, mas se estabelecendo temporalmente junto aos meses e solstícios de produção, por exemplo, Santo Antônio, São João e São Pedro, todos aniversariando no mês dessas festas. A maioria dessas celebrações dos santos católicos tem seus rituais imagetivamente condicionados aos balões, fogueiras, foguetes, bandeirinhas e o fogo em si, como representante maior. Esse fogo, como mitológico está na maioria das vezes ligado à expulsão e amedrontamento de demônios, representando essa percepção, além dos variados símbolos e signos que nascem dessa correlação.

Outro elemento imprescindível das festas juninas são as quadrilhas juninas, que formam no calendário do mês de junho, uma das principais manifestações populares pelo país afora, dando uma expressão artística com a sonoridade e o movimento da dança. Do Norte ao Nordeste e do Sudeste ao Centro Oeste, percebe-se inúmeras atrações e formas de expressão de escolas a grupos sociais, com a missão de representar por meio das danças de quadrilhas, a celebração dos dias santos da Igreja Católica: Santo Antônio, São João e São Pedro. Historicamente, essa manifestação no Brasil, tem sua maior expressão no sertão, de onde reelaboraram e ressignificaram as atividades e dão novas roupagens nas apresentações como um contínuo movimento. Nas demais regiões onde os processos migratórios foram significativos numericamente, acaba sendo percebido esse movimento como forma de continuidade dos anseios populares de sua região de origem, das suas transformações e mesmo da manutenção das festividades corroborando com as diversas identidades que também viajaram e se alocaram pelo país.

As Festas Juninas, ou Festas de São João, reconhecidamente pelos festejos do mês, celebradas pelos recantos do país, acabam fomentando uma diversidade de apelos culturais e tradições, que condicionam música, enredos, ornamentos e linguagem típica, além de

² Ver trabalhos de Campos (2007); Tinhorão (2001), Ribeiro (2013).

sonoridades e festejos lampejados de comidas típicas. Essas festividades costumavam em seus tempos áureos, celebrar aspectos conceituais da colheita, a fertilidade, longevidade, religiosidade, ritual e seu cotidiano, em camadas consideradas populares e mesmo periféricas.

Marcada pela diversidade dos simbolismos da tradição popular, a idéia se concretiza por meio das oferendas à deusa Juno, de onde advém o termo “junino” e a própria concepção de continuidade tradicional. Enquanto pagãs essas celebrações juninas representavam os solstícios tanto de inverno quanto verão. Como muitas outras festividades populares têm na Idade Média, uma redefinição adequada pela religião cristã, e, a partir daí seus símbolos e a própria logística e reinvenções.

Como todas as demais propostas de inserção de manifestações e expressões coloniais as festas juninas vieram para o Brasil junto com os processos colonizatórios dos portugueses, e na baixada fluminense não foi diferente, eram verdadeiros eventos públicos que marcaram a cultura da América Portuguesa. (TINHORÃO, 2001)

No Brasil, as festas esboçam distintas representações em territórios culturais distintos, ao compreender traços únicos, singulares e mesmo transportados à realidades locais. As quadrilhas, formadas a partir de modalidade proveniente do agrupamento em pares, denomina-se *quadrille* e forma-se por meio de “Danças indígenas, afrobrasileiras e tantos outros estilos criam um novo e rico folclore. A dança é uma marca forte das festas de São João e não se pode fazer um bom festejo sem que haja muita música e dança”. (RIBEIRO, 2013, p. 37)

Das festividades já divulgadas em calendários comemorativos da região metropolitana e da baixada estão às cidades do Rio de Janeiro, Belford Roxo, Duque de Caxias, Queimados, entre outras.

Nas cidades fluminenses as festas juninas possuem gêneses distintas, mas advém das migrações e da própria relação com a veia colonial, que trouxe tantas expressões ao país. As representações desses processos, incluindo os sujeitos de sua produção, formam uma forma de identificação, que, segundo Cuche (1996) está intrinsecamente envolvido na produção de sentido do território, corroborando nas suas identidades.

No contexto das representações culturais, no qual a memória está ligada, percebe-se que a valorização das imagens é pensada como lugar comum nos grupos e comunidades a fim de preservar suas identidades, especialmente as que caminharam como os processos de (i)migração, ainda que seja fora do seu território, como o Rio de Janeiro enquanto expressão desse sentimento, no caso dos muitos migrantes que ressignificaram as regiões fluminenses.

A emergência na contemporaneidade de se pensar a preservação das festas e expressões da cultura popular acabam forjando sentidos, vistos em diversas formas de cultura.

Os grupos de quadrilha e as próprias festas juninas, num momento em que a tradição dos grupos sociais já não se encontra mais viva no cotidiano de seus indivíduos, especialmente pela perspectiva do lugar, e acondicionada em outras esferas, vai desenhando estilos e formatos alinhados aos gostos aceites nos meios dos espetáculos e atrações e mesmo do que se pode chamar de patrimônio cultural.

Na atual formulação de processos de pleitos dos patrimônios culturais é mister entender as relações nas quais a comunidade e a expressão se esboçam, onde se produz os sentidos. “O patrimônio cultural é algo permanente, ao contrário da cultura que está em constante mutação. Esta é apenas estudada, não pode ser patrimonializada, pois estaríamos fadados a viver como nossos antepassados.” (SILVA, 2011, p.109)

As narrativas, histórias e memórias de sujeitos que possuem elo com essa representação de sentidos, formaliza o caminho do desvendar dessa representação no território escolhido. Nesta abordagem adotada, memória, história e pertencimento são analisados como distintas, mas sempre dialogando como protagonistas de sentido, ou seja, como os sujeitos a percebem. Esses sujeitos são representações dos grupos da baixada e trazem em seus diálogos, a construção dessa continuidade de atividades juninas.

Suas relações com a ideia de representação da cultura do passado acaba mesclando a ideia de profissionalização e formas de continuidade, além da ideia de inclusão social pela cultura.

Quanto a historiografia, parte-se de alguns dos mais relevantes estudos, como Maria Amália Giffoni (1973), Oscar Leal (1980), Jadir Pessoa (2005), Luciana Chianca (2007) Maria Cristina de Freitas Bonetti (2012) entre outros.

A compreensão das festas e das quadrilhas fluminenses, abordando o passado, o presente e o futuro das relações entre a cultura (i) material dos sujeitos e grupos que produzem os sentidos de manutenção temporal vão sendo refletidas a partir da renovação dos grupos e das apresentações estilizadas nos principais festivais de festas e celebrações de entretenimento, especialmente nas formas de atração.

As principais ferramentas de manutenção tem sido a via dos entretenimentos, cujos valores vão sendo transformados em atrativos turísticos e de lazer da população, seja nas feiras e festivais específicos.

Essa valoração dos objetos do passado em territórios distintos já não se percebe nas comunidades, o que se produz nas escolas e instituições religiosas se fundamentam em simples atividades da data festiva.

Os sentidos dos mantenedores da cultura junina das festas já não se movimentam na tentativa das continuidades tradicionais, mas na efetivação dos grupos enquanto profissionais da dança, da música e dos movimentos estilizados, corroborando com aceite fundamentado na esfera das atratividades das cidades e dos estabelecimentos comerciais como a fira de São Cristóvão, entre outros que mantém as atratividades focadas no movimento popular de dança e música.

Essa demanda é percebida pelas chamadas midiáticas como: “Feira de São Cristóvão espera receber mais de 1 milhão de pessoas em seu São João” (G1, 2018)

Em três meses de festa, mais de 60 quadrilhas devem passar pelo maior São João do Rio. Entre elas Aiacá, Coração de Palha, Shok do Painho, Paz e Amor, Favo de Mel, Buraco Quente e muito mais. Além do grupo de carimbó Chama do Amor, que estará no pavilhão neste sábado (16), às 13h, a Feira de São Cristóvão deve receber o grupo de folclórico de Bumba Meu Boi Canto Carioca. “Barracas de comidas típicas não vão faltar. Teremos milho cozido, pamonha, curau, maçã do amor, mugunzá [canjica], brincadeiras como pau de sebo, quebra do pote e muito mais”, afirma a gestora da Feira Magna Fernandes, que fala do repertório musical especial adotado pelas bandas da Feira. (G1, 2018)

O reconhecimento das festas na atração do mês é incontestável, faz parte do calendário oficial de muitas cidades brasileiras, especialmente do Rio de Janeiro e cidades no Nordeste, onde é extremamente importante produto das tradições populares.

No entanto, esse trabalho corrobora no desvelar dos aspectos transformadores das festas juninas em espetáculos e entretenimentos com a ideia da estilização dos personagens, dos ornamentos e da função da festa que foi sendo ressignificada ao longo dos anos.

1 As Festas Juninas, sua criação, manutenção e alcance.

Ao trazer a temática dos festejos juninos para o centro das discussões, especialmente sobre sua manutenção ao longo das gerações, fica explícita sua dinâmica, sua lógica e sua raiz, “a tradição dos festejos juninos tem a sua derivação das homenagens aos deuses pagãos, quando as populações camponesas festejavam as colheitas em toda a Ásia, África e Europa” (MELO, 2006, p. 01)

As festividades do mês de junho incluem as relações estabelecidas no cotidiano de adeptos de santos católicos, especialmente de Santo Antonio, - conhecido como santo casamenteiro, São João e São Pedro, fechando à tríade da devoção a religiosidade católica e mesmo popular. De sua gênese, sabe-se que, em conformidade com indícios sobre o ato de

festejar encontram expoentes junto aos antigos povos da Europa, na ocasião das celebrações do solstício de verão, junto ao agradecer das Deusas Juno e Artemis. Essas celebrações originadas dos rituais gregos, em devoção à Deusa Hera (a mesma Juno dos romanos), transformada pela Igreja Católica nos festejos aos santos de junho.

As diversas homenagens vão ao longo da história e dos deslocamentos humanos sendo levadas e transformadas mediante as situações de cada localidade. As homenagens também vão dinamicamente sendo transformadas com o passar dos séculos e das peculiaridades de cada um. Geralmente foram constituídas tanto pela religiosidade popular, por meio da devoção e apelo do catolicismo, quanto transferidas para as gerações pelo esforço das escolas, grupos, e comunidade em geral.

Sobre a inclusão dessa festa na história do Brasil, pode-se dizer que “ao longo dos três séculos de nossa condição de Colônia, nossa vida cultural foi sendo gradativamente formada pelos costumes europeus, via Portugal”. (PESSOA, 2005, p.23)

As festas juninas foram ao longo das gerações sendo ressignificadas e se mantendo por diversas razões, e, ao que se apresenta, somam-se elementos representativos da diversidade de formação do povo brasileiro, conformando a multiplicidade e dinâmica cultural brasileira.

Seus formatos e atividades vão sendo desenhados na medida em que as festas são anualmente constituídas, seja pelos grupos que as promovem, seja pelo apelo desses fazeres. A esse exemplo está a manutenção das festividades ao longo das gerações. Dos aspectos de criação das festas difundidas, pode-se dizer que o próprio formato do catolicismo no Brasil com os jesuítas, inspirou por meio de celebrações de caráter catequizador dos padres as nossas festas juninas.

A partir das festas joaninas, que eram comemoradas ascendendo fogueiras, rezas e danças acabaram coincidindo com rituais indígenas de fertilidade. Isso acabou acabaram sendo palco e cenário por conta da própria estrutura do país, seja geográfica, climática e de culturas alimentícias, ou seja, plantios, colheita e mesmo os sabores são atrelados ao que aqui se prosperou na celebração.

Os produtos celebrados eram em especial a mandioca, cará, inhame, batata-doce, abóbora e abacaxi, além do milho, do feijão e do amendoim. Isso acabou formando nossos sabores juninos. Os pratos de celebração e de festas foram por meio desses sabores construídos e celebrados e a festa ganhou esse paladar.

A conotação dos sentidos desse período fortuito foi um cenário de fartura, considerado bênção e as comemorações partiam dessa lógica, por meio de danças, cantos, rezas e muita comida.

Cria-se aí uma das tradições mais comuns entre escolas, comunidades e cidades enquanto celebrações de todos os formatos. A forma de agradecimento ao alimento culminou na ideia de abundância, na sociabilidade, no ato de reforçar os laços familiares, na fé e na religiosidade para os rituais de rezar e de agradecimento a terra e aos antigos deuses, agora em forma de santos. (MELO, 2006, p. 01)

1.1 Os santos, mitos e a folclorização atrelados aos sentidos da festa junina.

A primeira celebração aos santos de junho é dedicada a Santo Antônio, o santo conhecido como casamenteiro. Santo Antônio nasceu em Lisboa no ano de 1195, mas passou a vida em Pádua, na Itália, e tem sua história envolta no mito dos dotes de casamento das moças desprivilegiadas.

O mito gira em torno de uma lenda, na qual, em Nápoles, havia uma moça cuja família não podia bancar seu dote para casar. Desesperada, a jovem ajoelhou-se em frente a uma imagem de Santo Antônio e pediu com muita fé que ele a ajudasse. Milagre ou destino, ela encontrou um bilhete de um comerciante que dizia recompensar com moedas de prata. E foi isso o que ocorreu: ela recebeu as moedas e pôde se casar conforme o costume da época.

No entanto, embora sua fama seja de "santo casamenteiro", ele é considerado um santo das causas militares em Portugal. Também através do mito, acreditava-se que, se invocado, tinha o poder de sobrepujar os inimigos e outras hostilidades, além de também poder ajudar as pessoas a encontrarem objetos desaparecidos. Acerca da logística da festa em cerimônia, conhecida como trezena, os fiéis entoam cânticos, soltam fogos, e celebram com comes e bebes e uma fogueira com o formato de um quadrado, ocorrendo entre os dias 1º a 13 de junho.

No Brasil, Santo Antonio é considerado um santo popular e suas homenagens culminam na sequência do dia dos namorados ao contrário de outros países, em que se comemora essa data no dia 14 de fevereiro, dia de São Valentim. As proporções das festas aos santos vão ganhando adeptos na medida em que alguém crie a ideia e coloca em ação, e, nesse ressignificar vão ao longo das gerações fazendo a festa da Igreja, do bairro, da comunidade, dos grupos e muitos outros meios de manutenção.

Das muitas lendas em torno do santo Antonio, e, a fim de que os pedidos e intercessões ocorram, especialmente sobre os pedidos de casamento, uma gama de crenças e simpatias foram inventadas, por exemplo, o bolo de Santo Antônio, uma das iguarias tradicionais nas igrejas católicas, na brincadeira aos solteiros, o ato de virar a imagem do santo de ponta-cabeça e afogá-lo num copo de água enquanto a pessoa amada não aparecer, entre outras invenções que acaloram o imaginário das pessoas.

O outro santo devotado durante as festas juninas é São João, filho de Isabel e prima de Maria, mãe de Jesus, que nasceu no dia 24 de junho e forma também toda uma lenda sobre seu poder. É considerado o santo festeiro e a ele também se atribui uma conotação de purificação, pois, foi junto às águas que batizou Jesus para os cristãos.

São João Batista era filho de Zacarias, sacerdote em Jerusalém, e de Isabel, prima da Virgem Maria. Seus pais já tinham bastante idade quando um anjo profetizou o seu nascimento, que aconteceu na Judéia em 2 aC. Ele deveria se chamar Zacarias como o pai, mas este, que não falava, escreveu numa tábua: João é o seu nome, que significa “Deus teve compaixão”. Depois do nascimento do filho, Zacarias voltou a falar, explodindo de alegria. Dizem ser este o motivo de soltar rojões no dia 24 de junho. São João é o único Santo da Igreja Católica cuja comemoração se dá no dia do seu nascimento e não no da morte, como aos demais. (VOGEL, 2013, p. 02)

Outros elementos importantes sobre São João dizem respeito a sua possível profetização de boas colheitas, e, na linguagem popular, várias simpatias para arranjar casamentos, purificam dos demônios e dos maus agouros, entre muitos outros sentidos dados ao longo das gerações.

O antropólogo escocês James Frazer (1922), em sua obra *Ramo de Ouro* menciona ser esse um processo histórico "de acomodação", no qual o santo é deslocado para a figura de São João Batista, tendo a comemoração do solstício de verão.

O último santo da devoção junina é São Pedro,

Um pescador no Mar da Galiléia. Seu nome original era Simão, mas Jesus deu-lhe o nome de Kephas, que significa “pedra” e cujo equivalente em grego tornou-se Pedro. O significado de seu nome surge quando Pedro declarou “Tu és Cristo, o filho de Deus vivo”, o Senhor disse: “Tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei minha Igreja”. E conferiu-lhe “as chaves do reino do Céu” - por isto o chamamos de “chaveiro dos céus”, ou “o que abra as portas do céu”. Pedro foi chefe da comunidade cristã, pregou às multidões, fez milagres em nome de Cristo, foi preso por Herodes e escapou por intervenção divina. São Pedro morreu em Roma, 64 dC. Sua data festiva é no dia 29 de junho, juntamente com São Paulo. Cultuado como protetor das viúvas e dos pescadores, sua data é comemorada com procissões marítimas e fluviais por todo o Brasil. Dos três santos de junho, ele é considerado o mais sério, pois simboliza a morte e o destino do homem, pois a ele cabe decidir se abrirá as portas do céu ou nos enviará para o inferno. (VOGEL, 2013, p. 03)

Cidades envoltas pelo mar geralmente devotam Santo Antonio, fazendo grandes desfiles no mar em barcos iluminados e floridos, essa definição foi ao longo do tempo cultuada especialmente por conta da sua possível proteção às mulheres de pescadores.

Sobre a apropriação das festas pagãs e a inclusão de santos, pode-se dizer que, o catolicismo foi se transformando em religião do *status quo*, especialmente com a cristianização do Império Romano, no ano de 380 d.C., e, a partir desse movimento, diversos rituais foram incluídos pela Igreja como uma estratégia de manutenção de sentidos do passado, agora transformados em ações da própria Instituição sagrada.

2 Os grupos de quadrilha no Rio de Janeiro e sua importância na construção das festas juninas

As festas juninas acabam sendo palcos e cenários para os grupos de quadrilha, que, ao longo do tempo foram sendo adaptados aos gostos e tradições locais.

Tem-se na sua incorporação ao Brasil, o princípio dos processos colonizatórios, e nos portugueses o modelo das festividades juninas. As danças acabam sendo moldadas de acordo com os exemplos trazidos pela colonização europeia, especialmente da corte, que traz moda e protocolos para serem incorporados ao gosto do que hoje se tem de apelo histórico sobre as festas e celebrações brasileiras.

As festas do período colonial eram em sua maioria eram de cunho religioso e tinham parcela considerável de participação da população. De acordo com Del Priore (1994), as festas propagavam além do ato devocional, as ritualizações festivas, especialmente as comemorações em prol do nascimento de príncipes, seus aniversários e casamentos. As festas traziam vestimentas luxuosas, instrumentos musicais um verdadeiro espetáculo visual da promessa de divertimento.

Outro aspecto colocado por Priori (1994) refere-se ao embelezamento das ruas, janelas e portas das casas, bem como os cheiros de flores e especiarias como noz moscada.

A quadrilha é uma dança de longa existência, havendo dela registros perpassando séculos com variações em tempo e espaço. Resultado da união de elementos de danças europeias que se amalgamaram no decorrer do tempo – especialmente modalidades de contradanças que se uniram pouco a pouco e não pararam de se transformar –, ela chega ao Brasil possivelmente no segundo quartel do século 19, como uma das marcas das tradições francesas na cultura brasileira, e tem grande destaque no repertório dos bailes da sociedade fluminense. (ZAMITH, 2007, p.114)

Dessas marcas das tradições europeias pode-se dizer que, na sua etimologia a palavra “quadrilha” provém do francês *quadrille*, significando a disposição de pares em forma de quadrado. Há indícios de seu surgimento em Paris no século XVIII, tendo como expoente Philip Musard. E que, para muitos estudiosos é um tipo de contradança de sentido campesino (CASTAGNA, 2003).

Na Europa era considerada uma dança comum da Côrte, preferida pela sociedade da época.

Mesmo chegando ao Brasil com suas origens ligadas à nobreza europeia, a quadrilha junina se popularizou nas diferentes classes sociais da época, inclusive nas menos abastadas. As quadrilhas juninas foram então, primeiramente apreciadas nos salões da Corte no Rio de Janeiro e Salvador, com a participação do príncipe regente e das majestades reais que, em algumas dessas ocasiões, não queriam deixar o espaço destinado às danças. (ZARATIM, p.31)

Foi uma das festas de muito sucesso no Brasil colonial, quando passou a animar os carnavais e bailes, tanto na cidade quanto no campo, e à medida que as populações do campo se apropriavam dela, iam dando outros significados, como danças ao ar livre do mês de junho. Amaral (1998, p. 180) sobre “o fazer” das festas juninas menciona que “[...] é considerada uma herança do folclore francês, acrescida de manifestações típicas da cultura portuguesa [...]”.

Quando é popularizada como integrante das festas juninas, acaba dando um tom aos anseios do local e suas aspirações, como o campo, ao passo em que sempre acabam “(...) iniciando com o divertido teatro, denominado “casamento na roça”. O acompanhamento musical das festas geralmente era feito com instrumentos típicos utilizados: zabumba, triângulo e sanfona.” (ALBUQUERQUE, 2013, p.46)

Os grupos formados e em formação acabam trazendo singularidades e especificidades sobre bairros, histórias, famílias e mesmo organizações que salientam algum aspecto relevante para contar sua história.

Apesar de necessariamente ser obrigatório seguir os passos da quadrilha em que se entoam direcionamentos e ações da dança, as quadrilhas acabam trazendo aspectos muitas vezes inovadores.

Desses passos estão:

1. caminho da festa: os noivos ficam na frente da fila. os pares ficam de braços dados, as damas à esquerda dos cavalheiros. os pares entram. 2. Anarriê: as damas e os cavalheiros se separam formando duas colunas. 3. os cavalheiros cumprimentam as damas: eles se aproximam das damas cumprimentando-as. Flexionam o tronco, mantendo a cabeça erguida e voltam a seus lugares caminhando de costas. 4. as damas cumprimentam os cavalheiros: agora é a vez das damas irem até os cavalheiros e cumprimentá-los. elas também voltam de costas para os seus lugares. 5. saudação geral: tanto as damas como os cavalheiros andam para a frente e se cumprimentam. 6. balance: damas e cavalheiros balançam os braços naturalmente. 7. preparar para o galope: a noiva e o noivo se encontram e saem de mãos dadas para o alto pulando de lado até o final da fila. Todos os casais fazem assim até os noivos voltarem a ser os primeiros, continue de olho nos passos de quadrilha. 8. olha o túnel: as damas de frente para os cavalheiros elevam os braços para cima e de mãos dadas fazem o túnel. os primeiros a passar pelo túnel são os noivos e os outros vão em seguida e formam os pares para começar a formar a roda. 9. olha o grande passeio: começam a formar a roda as damas para o lado de dentro. 10. Damas ao centro: as damas formam a roda e giram e os cavalheiros também. 11. Coroa de rosas: os cavalheiros, de mãos dadas, erguem os braços na vertical sobre a cabeça das damas, como se as coroassem. Depois abaixam os braços passando-os pela frente, até a altura da cintura, girando para a esquerda ou para direita. 12. Descoroar: os cavalheiros tiram os braços e formam a roda. 13. Damas procuram seus cavalheiros: os cavalheiros param e as damas continuam rodando até encontrar o seu par, parando a esquerda do seu cavalheiro. 14. Caracol: as damas e os cavalheiros formam uma grande roda. a noiva solta uma das mãos do noivo e vai puxando os outros para dentro da roda. todos devem estar de mãos dadas, formando o caracol. Chegando ao centro, a noiva faz o caminho de volta. Formando novamente a grande roda. 15. Caminho da roça: um anda atrás do outro com as mãos para trás e o corpo um pouco curvado para a frente. 16. Olha a chuva: todos dão meia-volta (viram para o outro lado) e colocam a mão na cabeça. 17. Já passou: todos dão meia-volta novamente e dizem “ahhhh”. 18. Olha a cobra: todos pulam, gritam e dão meia-volta. 19. já mataram: todos dão meia-volta novamente e dizem aaahh. 20. a ponte quebrou: todos dão meia-volta novamente. 21. Já concertou: voltam a dançar no outro sentido e dizem ah. 22. Preparar para o viva: todos em roda dão as mãos e sempre que disserem viva vão para o

centro da roda e erguem os braços e gritam viva. 23. Viva os noivos: viva. 24. Viva os convidados: viva, e vão falando outros vivas. 25. Preparar para o grande baile: cada dama pega o seu par e os dois começam a dançar juntos. 26. O grande baile está acabando, vamos nos despedir do pessoal: os pares começam a dançar juntos. 27. Agora, a despedida: em fila os pares vão se despedindo dos convidados. as damas acenam com as mãos e os cavalheiros com os chapéus, e assim encerra os nossos passos de quadrilha. (MESTRE, s/d)

As fases da dança seguem o passo a passo de ações que dão sentido ao movimento e ao estilo da dança junina. Cada passo é elaborado seguindo a ideia do eu deve ter na dança, sendo o mais relevante, o movimento cênico.

Os personagens seguem a mesma ideia da dança, o esboço do cenário de ações, nele está o narrador da dança, o casal de noivos, o padre, o delegado, os padrinhos e, finalmente, os casais convidados para a festa de casamento.

Os lugares da festa dependem do seu propósito. Algumas seguem a linha mais convencional, em escolas, empresas, clubes e associações culturais. Algumas das festas mais elaboradas com grupos ativos acabam sendo apresentadas em torneios, festivais, e mesmo festas juninas típicas, como centros de entretenimento e lazer.

No Rio de Janeiro, muitos dos grupos do estado se apresentam na Feira de São Cristóvão, ou mesmo na baixada fluminense, além de casas de shows e espetáculos, ou ainda ao ar livre.

Como cenários estão sempre figurados e enfeitados com bandeirinhas e balões, símbolos típicos das festas juninas, além da típica fogueira, os vestuários dos dançarinos com roupas caipiras antigas, além das maquiagens a moda caipira alguns adereços também chamam a atenção, como chapéu de palha, bigode e calças remendadas para os homens e tranças, sardas e dentes pretos às mulheres.

A temática mais comum é a festa de casamento a moda antiga das áreas interioranas do Brasil, onde são salientados os aspectos cênicos cheios de comédia e marcado por exageros, e, onde na maioria das vezes a narrativa exerce o poder do patriarca tentando casar a filha, e onde o noivo é praticamente obrigado a casar com a noiva, sob a pressão do pai dela e do delegado da cidade. Nessa linha seguem as armadilhas do ambiente interiorano, rural.

A quadrilha com os anos também agregou personagens principalmente ligados ao homem do campo. Personagens que começam a surgir no século

XIX, em peças teatrais e na literatura. Há informações de personagens presentes na “Quadrilha do ‘Pé Espaiado’”⁵, que se encontra nos festejos juninos, personagens caipiras, como padre, juiz, noivos, delegado, testemunhas e cenas como um casamento simulado. Cena que acontecia com humor e linguagem rural, dando sentido à comemoração do casamento com dança comandada pelo marcador. (MOREIRA, 2017, p.19)

Além dessa conotação que muitas vezes é confundida entre as diversas formas de quadrilha atuais, especialmente das danças sofisticadas de apresentações dos grupos estilizados, o aparato da festa também vai ganhando transformações ao longo dos anos.

Apesar de ainda contar com os passos e muitas vezes aos atos, que intermediam desde o casamento dos noivos, o balance, o cumprimento as damas, dos cavalheiros, o passeio pela roça, o túnel, o caminho da roça, o olha a chuva: "já passou", o olha a cobra: "é mentira", a formação de um caracol pelos casais, a coroação de damas e cavalheiros e para finalizar a despedida, as festas ganharam muitas outras dinâmicas, ajustadas a essa estilização contemporânea.

As quadrilhas reconhecidas como “de salão” vão sendo diversificadas com estilos mais ousados, mais sofisticados e mais ornamentados com brilhos e tamanhos que chama a atenção.

A ornamentação segue estilos criados pelos grupos com nomes também definidos a partir de suas identidades.

2.1 As quadrilhas estilizadas da Baixada Fluminense e algumas de suas narrativas

Em todas as quadrilhas estilizadas existe um processo de construção que conta com muitas pessoas, muito trabalho e funções diversas que o público nem consegue imaginar, pois estão de alguma forma escondidas. Exemplos são a quantidade financeira que um grupo ou dançarino chega a gastar, a quantidade de pessoas envolvidas em todo o trabalho e montagem, que vai além da ajuda dos próprios dançarinos. (MOREIRA, 2017, p. 27)

Os grupos de quadrilha da baixada fluminense acabam seguindo essa ideia de estilização, na qual a formação depende muitas vezes de grupos musicais a elas atrelados, os nomes que as identificam enquanto coletivo e a formação de estilos específicos.

Os moldes seguem a ideia de suntuosidade na concepção das cores, arranjos e mesmo da estética das vestes, criteriosamente afinadas com o ar imperial.

Esses (re)processamentos das manifestações folclóricas, das culturas locais são operados pelas redes folkmediáticas, onde existe, entre a emissão e recepção, um vasto campo de mediações e de apropriação dos bens simbólicos midiáticos, que são redecodificados e incorporados nas matrizes culturais como “substâncias nutritivas” das novas identidades construtoras da vida cotidiana de determinados grupos socioculturais. É nesse contexto que se dão as hibridizações culturais, onde são realizadas as interações entre “as aldeias locais e as aldeias globais”. (TRIGUEIRO, 2004, p.63)

Essa questão se alinha ao processo de globalização, considerando que, os grupos se moldam com novas “roupagens” em atendimento às exigências dos concursos, apresentações e como forma de se manter no mercado midiático.

Um dos exemplos desse movimento de estilização é a própria ideia das apresentações, que ocorrem geralmente em lugares populares de entretenimento e mesmo feiras e festivais. No Rio de Janeiro concentram-se na Feira de São Cristóvão, com significativos festivais de apresentações.

Das narrativas diversas sobre os grupos, algumas se destacam, especialmente pela concepção do grupo de transformação social, com objetivo de profissionalizar, de apoiar a causa cultural pela sua perspectiva de inclusão:

Sou Wagner Vinicius é... presidente da renovação junina, foi fundada no dia 27/10/2007. O objetivo é resgatar os jovens, é profissionalizar eles, porque no meio da cultura a gente acaba criando, costureiras, coreógrafos, entendeu? Tirar eles da rua é... (...) o São João 2022 vai ser um São João diferenciado porque vai ser um renascimento... (...) Eu acredito que não vai ser um ano nem de competição, vai ser um ano de renascimento mesmo, tanto por para todas as culturas entendeu e a renovação, o dilema da renovação sempre é renovar, renovar as vidas, renovar esperança, a fé, acreditar muito nas coisas tá bom.³

Outra narrativa se refere:

³ Entrevista feita por Brenda Evelyn Chiaromonte Barreto, com o Sr. Wagner Vinícius Leite Porto, para a pesquisa intitulada: **Mapeamento das expressões populares e culturais da baixada fluminense:** Grupos de Quadrilhas e seus sentidos na construção do patrimônio cultural, orientada pela professora Dra. Elis Regina Barbosa Angelo. Data da entrevista: 25/07/2021.

Sou Sérgio, presidente da comunidade, quadrilha junina Renovação Arte Show, o presidente e coreógrafo né. É tem um trabalho feito na minha comunidade com o jovem para buscar a cultura junina e fazer com que isso aconteça sempre porque a gente tem uma dificuldade muito grande em trazer essa cultura para os jovens né, mas a gente está aí nesse trabalho há 10 anos. Eu tenho um grupo com mais ou menos 30 casais só que devido à pandemia a gente foi muito prejudicado assim como todo mundo, né?, a agente teve um péssimo desempenho então afetou muito a parte de dança parte de ensaio, tudo foi prejudicial para o grupo, mas a gente montou um pequeno trabalho né, tudo com precaução, máscara, álcool em gel para a gente poder prestigiar o São João, para que essa cultura não morra dentro do coração dos jovens, dentro dos nossos corações e dentro da nossa comunidade, trazer um pouco de alegria, um pouco do São João né, que eu acho que a gente está aqui para isso.⁴

Sobre essa transformação dos grupos e seus estilos, o produtor e pesquisador Milton Luiz, em documentário sobre o patrimônio imaterial iguaçuano em 2021 menciona:

Foi o ano de 2005, 2004 aonde foi implantado o estilo recriado, que é um estilo que foi trazido do Nordeste, foi através do coreógrafo Alegria Adjel Soares que se voluntariou em vir para o Rio de Janeiro, em Nova Iguaçu para dar início a esse projeto de modificação, exatamente de resgate das tradições, mas apresentando um espetáculo de dança que a gente vê até hoje no movimento junino do Rio de Janeiro. Então foi um momento marcante porque foi um divisor de águas dentro da quadrilha de salão e da roça porque é um estilo que veio trazer uma movimentação maior, uma forma de passos diferentes, uma dinâmica de espetáculo e uma estrutura de trabalho que também era totalmente diferente e aplicada por diversos grupos até hoje.⁵

Essa questão da recriação por modelo desempenha um papel crucial na desenvoltura e na estilização dos grupos atualmente representados na região.

⁴ Entrevista feita por Brenda Evelyn Chiaromonte Barreto, com Sr. Sérgio Borges de Souza, para a pesquisa intitulada: **Mapeamento das expressões populares e culturais da baixada fluminense**: Grupos de Quadrilhas e seus sentidos na construção do patrimônio cultural, orientada pela professora Dra. Elis Regina Barbosa Angelo. Data da entrevista: 25/07/2021.

⁵ Entrevista de Milton Luiz, produtor cultural e pesquisador do tema: festas juninas e grupos de quadrilha da baixada fluminense. Concedida ao documentário: **Patrimônio Imaterial Iguaçuano: Quadrilhas Juninas em 3 episódios**. Direção: Miguel Nagle; Produção: EncontrArte Nova Iguaçu: Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, FENIG, Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu, 2021.

A busca pela transformação do tipo de dança e do movimento em si conotam a tentativa de manter viva a essência das festividades da baixada dando-lhes novos rumos à manutenção e continuidades pela profissionalização, haja vista a necessidade de emprego e renda na região e também a questão ímpar de inclusão social.

Figura 1: Grupos de Quadrilha – Baixada Fluminense.



Fonte: Acervo pessoal. 2021.

Figura 2: Grupos de Quadrilha – Baixada Fluminense.



Fonte: Acervo pessoal. 2021.

Figura 2: Membro de Grupos de Quadrilha – Baixada Fluminense.



Fonte: Acervo pessoal. 2021.

As imagens acima fortalecem a ideia dos estilos elaborados como adaptações do presente, chamadas de quadrilhas estilizadas, a composição de cores, desenhos e ornamentos com detalhes imponentes revelam caracterizações que vão transformando os sentidos dos grupos e mesmo das festas, onde as apresentações são um espetáculo a parte.

A quadrilha que se apresenta como quadrilha estilizada de certo modo é uma re (criação) do formato tradicional, matuta ou tradicional, na qual se percebe novos elementos que acabam sendo caracterizados como estilo carnavalesco numa ruptura brusca ao formato tradicional e cujas roupas eram de chita, chapéu de palha, numa verdadeira caricaturização, esse estilo atualmente visto nas apresentações das festas juninas se aproximam da profissionalização dos grupos, com danças, movimentos, ornamentos e coreografias distintas. Observa-se que as quadrilhas passam por diversas reconfigurações e ressignificações resultantes de modelismos e

mesmo da adaptação ao estilo modernizado em relação às mudanças culturais e hibridações, que acabou fortalecendo a ideia de estilizadas, modernas e profissionais.

Essa base de renovação, haja vista nomes de grupos, que esmeram a ideia de revitalizar festas do passado numa nova configuração, adaptada ao novo modelo recebido pela sociedade do espetáculo.

Na esfera do entretenimento, essa base se sustenta a cada dia ao que Gilles Lipovetsky chama de hipermodernidade, caracterizada por uma sociedade de consumo estabelecida nos seus excessos. (2014)

Esses excessos parecem se sustentar nos modelos elitistas do período colonial, amparados no vértice dos bailes imperiais, e, no Rio de Janeiro, encontra expoente nas migrações nordestinas, formando significações diversas. Não se entende como crítica aos ajustes dos grupos, mas alinhadas e alicerçadas aos novos padrões desse público que aprecia, de certa forma mantém e corrobora na sua continuidade.

As adaptações são claramente vistas ao longo das apresentações, com coreografias alinhadas, fortuitas no seu desembalar e ajustadas ao público e aos olhos das comissões julgadoras, pois, almejam prêmios e condecorações que possam dar sentidos e sustentação a essa manutenção e readaptação contemporânea.

No passado, a imagem do caipira, no presente a imagem de dança aperfeiçoada e de estilos inovadores, mas com o gosto e o sabor desse modelo adaptado. A questão do gosto aqui se alinha ao sentido socialmente aceito e construído no bojo dessa ideia do espetáculo colocada por Lipovetsky (2004).

Os cenários vão sendo alinhados para uma composição profissional, agora alimentada pela satisfação da premiação, do retorno financeiro, mas principalmente pela essência das festas do passado, que de certa forma eram reveladas por brincadeiras e funções sociais de divertimento e aceitação.

Esse resignificar presente nos grupos se esmera como formas de adaptação à sociedade contemporânea, modelada pelo conceito de luxo e de satisfação, com o consumo prioritário de ações que desembocam em fortuitas dinâmicas da cultura popular.

Considerações Finais

As festas juninas vão ganhando novos sentidos, especialmente garantidos pelas apresentações festivas que de certa forma trazem visibilidade e repercussão, além dos resultados financeiros que as mantêm.

Ao longo da história no Rio de Janeiro vão desenhando características de moldes imperiais e renovando os estilos com modismos e adaptações, no entanto, as músicas, a dança em si as coreografias e os gestos vão sendo mantidos na medida em que representam uma ocasião, época ou mesmo memória.

A tentativa de patrimonialização não referênciava a transformação das festas ou dos grupos de quadrilha, pois, se alinha a ideia de cultura que é dinâmica e se concentra na possibilidade da constante mutação.

As cidades, os grupos que se formam e as referências de grupos anteriores dão o tom das continuidades. As alterações estilizadas presentes nos grupos vão de encontro ao que a sociedade consome em termos de entretenimento e espetáculo.

Os estilos vão sendo adaptados na forma, na configuração e nas apresentações, e, de certa forma, ganha novas perspectivas de continuidade, agora como forma de profissionalização. Algumas entrevistas, por exemplo, trouxeram essa ideia de que a inclusão parte da forma de readaptação, na qual profissionais surgem nas comunidades, jovens são retirados das ruas e a transformação social acaba sendo uma forma positiva não apenas de inclusão, mas inclusão pela cultura.

Os estilos acabam dando margem a essa perspectiva que não somente mantém uma ideia do passado, mas adapta-a para sua sobrevivência nessa sociedade muitas vezes chamada de “consumo” e “espetáculo”.

Com o termo cunhado por Lipovetsky e Serroy (2015), pode-se dizer que muitas adaptações formam geradas nos gostos da sociedade. Suas dimensões, modelos e lócus foram atados no que se pode chamar de estética, imaginário, estilo e desejo, atadas com a questão emocional, se reelaboram a partir das políticas empresariais, e, além dessa referência, se pautam na vida comum, na história dos sujeitos.

Essas dimensões corroboram com formas de arte, estilização e processos da economia, especialmente considerando a ideia de que as relações sociais passam pelo esmero do consumo.

Os jogos estimulados pela criatividade, pela economia das trocas simbólicas e principalmente pelas mudanças nas práticas culturais vão sendo formas de manter o passado, agora recriado para o consumo e o prazer, como formas hedonistas de relações entre o passado e o presente.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Teresa Kátia Alves de. **As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em boa Vista - Roraima (2001-2011)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. UFAM/UFRR, 2013.

BRANDÃO, C.R. **O caipira de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CÂMARA CASCUDO. L. **Dicionário do folclore brasileiro**. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972.

CAMPOS, Judas Tadeu de. Festas Juninas nas Escolas: Lições de Preconceitos. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 99, p. 589-606, maio/ago. 2007.

CASTAGNA, Paulo. A música urbana de salão no século XIX. 2003. **Apostilas do curso de História da Música Brasileira IA/UNESP**. São Paulo, 2003. 15v. Disponível em: . Acesso em: 01 abr. 2020.

CASTRO, JRB. **Festas Juninas: promotoras de mobilidade espacial e polaridade sazonal**. In: Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 257-310.

CUCHE, Denys. *La notion de culture dans les sciences sociales*. Paris: La Découverte, 1996.

DOCUMENTÁRIO. Patrimônio Imaterial Iguaçuano: Quadrilhas Juninas, 3 Episódios. Direção: Miguel Nagle. Produção: EncontrArte Visual. Nova Iguaçu: Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu- FENIG, Secretaria Municipal de Cultura de Nova Iguaçu, 2021.

FRAZER, James George. **The Golden Bough**, 1 vol. versão abreviada por Frazer, London: Editor Macmillan, 1922.

FRAZER, Sir James George. **O Ramo de Ouro**. Versão ilustrada. Prefácio: Professor Darcy Ribeiro Tradução: Waltensir Dutra Zahar Editores, 1982.

G1 RIO. **Feira de São Cristóvão espera receber mais de 1 milhão de pessoas em seu São João**. Por G1 Rio. 15/06/2018 10h18. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/o-que-fazer-no-rio-de-janeiro/noticia/feira-de-sao-cristovao-espera-receber-mais-de-1-milhao-de-pessoas-em-seu-sao-joao.ghtml>> Acesso em: 10/11/2021.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

MESTRE do saber. **Atividades de Alfabetização**. Disponível em: <https://www.mestredosaber.com.br/27-passos-de-quadrilha-para-festa-junina/>. Acesso em 12/05/2021.

MOREIRA, Neomênia Santos. **Que Quadrilha É Essa? Busca Por Sentidos Em Uma Dança Em Transformação**. Trabalho de Conclusão de Curso: Licenciada em Dança pelo Instituto Federal de Goiás – IFG / Campus Aparecida de Goiânia, 2017.

NORA, Pierre. Entre história e memória. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, vol.10, n. 10, p. 7-28, dez/1993.

RIBEIRO, Carla Josyanne Schultes. **Quadrilhas Juninas: Entre a apropriação da cultura nordestina e a construção da identidade tocantinense**. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, 2013.

TINHORÃO, J.R. **Cultura popular: temas e questões**. São Paulo: Editora 34, 2001.

VOGEL, Lílian. **O ciclo junino no cotidiano do povo paulista**. Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro de Folclore - UFSC, Florianópolis, 14 a 18 de outubro de 2013. pp.1-9.

WILLEMS, E. Cunha: **tradição e transição em uma cultura rural do Brasil**. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1947.

ZAMITH, Rosa Maria. A dança da quadrilha na Cidade do Rio de Janeiro: sua importância na sociedade oitocentista. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 113-132, 2007.

ZARATIM, Samuel Ribeiro. A importância da produção de conhecimento histórico das quadrilhas juninas em Goiânia para a historiografia junina. In: ALMEIDA, Flavio Aparecido de. **Ensino de História histórias, memórias, perspectivas e interfaces**. Guarujá: Científica Digital, 2021. pp.27-39. Disponível em: <<https://downloads.editoracientifica.org/articles/210404140.pdf>>. Acesso em 03/08/2021.

Entrevistas

PORTO, Wagner Vinícius Leite. Grupos de Quadrilhas e seus sentidos na construção do patrimônio cultural. [Entrevista concedida a Brenda Evelyn Chiaromonte Barreto] Projeto do BIEXT, UFRRJ. Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, 25 de julho de 2021, orientada pela professora Dra. Elis Regina Barbosa Angelo.

SOUZA, Sérgio Borges de. Grupos de Quadrilhas e seus sentidos na construção do patrimônio cultural. [Entrevista concedida a Brenda Evelyn Chiaromonte Barreto] **Projeto do BIEXT, UFRRJ**. Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, 25 de julho de 2021, orientada pela professora Dra. Elis Regina Barbosa Angelo.

LUIZ, Milton. [Entrevista concedida ao documentário Patrimônio Imaterial Iguaçuano: Quadrilhas Juninas em 3episódios] Direção: Miguel Nagle; Produção: **EncontrArte** Nova Iguaçu: Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, FENIG, Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu, 2021.